

O processo civilizador

SYDNEY POSSUELO

Por que um país tão grande como o nosso, cuja amplidão poderia conter com relativa segurança e tranqüilidade os povos indi-



genas que conseguiram chegar aos nossos dias, continua sem resolver a questão das terras indígenas? Por que os índios estão em situação cada vez pior, em lento e contínuo processo de desaparecimento? O que não deu certo no encontro dos povos indígenas com a civilização ocidental?

Perguntas desse tipo ecoam na minha cabeça e as respostas que surgem falam da fereza e voracidade que na História recente da humanidade têm marcado o comportamento da chamada civilização cristã e ocidental.

Em 1494, sob as bênçãos do papa, era assinado entre Portugal e Espanha o Tratado de Tordesilhas, que dividiria o Novo Mundo entre as então duas grandes potências. Na verdade, procuravam corrigir a Bula Inter Coetera, que já tratava dessa divisão. Em 1885, na Conferência de Berlim, 14 nações ocidentais dividiam a África segundo os seus interesses, como se fosse um espólio de guerra. O Ocidente comportava-se como proprietário do universo, e os processos empregados tinham por base a tríade *espada, ouro e cruz* — a glória da espada para o conquistador, o ouro para os reis e a cruz de Deus para o conquistado. Assim munida, a civilização cristã e ocidental dilacerou a África negra, espalhando milhões de seus filhos pelas Américas, utilizando-se da imoralidade da escravidão.

A desgraça do negro africano foi idêntica à do autóctone americano. De Norte a Sul, por toda a extensão do imenso continente americano, "os civilizadores do mundo" chegaram como aves de rapina e, utilizando processos desumanos e cruéis, destruíram culturas que, no albor da civilização, haviam desenvolvido suas formas peculiares de existência. Ninguém ficou a salvo. Dos esquimós do Alasca aos alakalufs da Terra do Fogo, do Ártico ao Antártico, percorreram as terras americanas empunhando a cruz e a espada, e carregando todo o ouro possível.

Os processos cruéis empregados pelos conquistadores estavam respaldados e encontravam apoio nos princípios éticos e morais que, na época, justificavam os métodos utilizados na conquista: o saque, o roubo e a pilhagem. Mas hoje, quando tais atos são condenados por todas as nações, por que continuam a ser praticados e a nos envergonhar aos olhos do mundo? Seria porventura a dicotomia entre as aspirações da alma e da razão, em oposição ao lado animal da natureza humana? Ou o nosso desejo apressado de sermos modernos sem sermos civilizados?

Estamos construindo um

país violento não somente entre nós, mas também violento contra os povos indígenas, que não são culpados da justiça ou injustiça, acertos e desacertos de uma sociedade que eles não arquitetaram.

Alquebrados e combalidos, restos de povos indígenas sobrevivem dispersos no território nacional. Eles não representam ameaça alguma, presente ou futura, à integridade física do nosso território, como sustentam setores do pensamento militar. Nem são entraves ao desenvolvimento, como afirmam os desenvolvimentistas. Também não compreendem que aqueles objetos desconhecidos com que os brancos os cercaram — cuja eficiência estava muito além de tudo o que até então haviam concebido, e por isso mesmo os fascinam e atraem — pertencem a um mundo diferente, em constante transformação, que eles não podiam nem podem influenciar. E, mais importante ainda, que quando adotam técnicas e soluções de outra cultura deviam também adotar o corpo de valores sociais, econômicos, políticos e religiosos que fundamentam essas técnicas. Caso contrário, surgem conflitos de tal forma contraditórios que podem levar esses povos ao desaparecimento.

Talvez fosse esta a nossa grande missão, como sociedade majoritária, tecnicamente mais forte e que se diz cristã e civilizada: respeitando-os e compreendendo-os, auxiliá-los na longa e difícil caminhada para um mundo mais justo e fraterno.

É tão verdadeiro o desacerto dos povos indígenas com a civilização ocidental que, transcorridos 491 anos de contato com esses povos, o que podemos apresentar ao mundo como exemplo de respeito aos indígenas? Porventura não continua o drama dos ianomâmis? Os guaranis não estão dispersos? Os índios isolados não continuam sendo exterminados? Apontem-me um só povo indígena que possa servir de bom exemplo!

Portanto, neste mês de abril, quando se fala tanto sobre os índios, não há nada a comemorar, seja por parte dos índios, pelo seu trágico destino, seja pela sociedade nacional, por ser ela o algoz. Resta-nos aproveitar esse tempo para refletir e repensar as relações do Brasil com seus povos indígenas.

□ Sydney Possuelo, sertanista, é chefe da Coordenadoria de Índios Isolados da Funai

